

371

Constituindo-se membro de uma Comunidade de Prática: problematizando as experiências de doutorandos em Contabilidade no Brasil

Aluno Doutorado/Ph.D. Student Alann Inaldo Silva de Sá Bartoluzzio [ORCID iD¹](#), Doutor/Ph.D. João Paulo Resende de Lima [ORCID iD²](#), Doutor/Ph.D. Fernanda Filgueiras Sauerbronn [ORCID iD¹](#)

¹UFRJ, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil. ²USP, São Paulo, São Paulo, Brazil

Aluno Doutorado/Ph.D. Student Alann Inaldo Silva de Sá Bartoluzzio

[0000-0002-0046-4513](#)

Programa de Pós-Graduação/Course

UFRJ

Doutor/Ph.D. João Paulo Resende de Lima

[0000-0002-4703-2603](#)

Programa de Pós-Graduação/Course

USP

Doutor/Ph.D. Fernanda Filgueiras Sauerbronn

[0000-0002-7932-2314](#)

Programa de Pós-Graduação/Course

UFRJ

Resumo/Abstract

O presente artigo tem o objetivo de compreender as experiências de doutorandos a partir das relações que estes estabelecem com a comunidade científica contábil brasileira. Para tal, conduzimos entrevistas semiestruturadas com 11 estudantes de doutorado em diferentes programas e regiões do país. A partir de uma abordagem qualitativa-crítica, as análises foram realizadas com o suporte dos Sistemas Sociais de Aprendizagem de Étienne Wenger, focando especialmente na relação entre os estudantes de doutorado e as Comunidades de Práticas (CoPs). Os resultados indicam que os doutorandos, enquanto participantes periféricos legítimos, não se tornam membros centrais pelos limites impostos pela própria comunidade. Tais limites, constitutivos do processo social de aprendizagem, funcionam como um impedimento da relação entre o indivíduo e a CoP. Dentre diversos aspectos, os participantes indicam a existência da perda de sentido em sua trajetória em episódios de violência epistêmica que (re)produzem os limites da comunidade no que se considera o “bom acadêmico contábil”. As discussões apontam o desalinhamento entre os valores da comunidade existente e novos entrantes, colocando em xeque a sustentabilidade da comunidade acadêmica contábil no Brasil.

Modalidade/Type

Artigo Científico / Scientific Paper

Área Temática/Research Area

Educação e Pesquisa em Contabilidade (EPC) / Accounting Education and Research

Constituindo-se membro de uma Comunidade de Prática: problematizando as experiências de doutorandos em Contabilidade no Brasil

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de compreender as experiências de doutorandos a partir das relações que estes estabelecem com a comunidade científica contábil brasileira. Para tal, conduzimos entrevistas semiestruturadas com 11 estudantes de doutorado em diferentes programas e regiões do país. A partir de uma abordagem qualitativa-crítica, as análises foram realizadas com o suporte dos Sistemas Sociais de Aprendizagem de Étienne Wenger, focando especialmente na relação entre os estudantes de doutorado e as Comunidades de Práticas (CoPs). Os resultados indicam que os doutorandos, enquanto participantes periféricos legítimos, não se tornam membros centrais pelos limites impostos pela própria comunidade. Tais limites, constitutivos do processo social de aprendizagem, funcionam como um impedimento da relação entre o indivíduo e a CoP. Dentre diversos aspectos, os participantes indicam a existência da perda de sentido em sua trajetória em episódios de violência epistêmica que (re)produzem os limites da comunidade no que se considera o “bom acadêmico contábil”. As discussões apontam o desalinhamento entre os valores da comunidade existente e novos entrantes, colocando em xeque a sustentabilidade da comunidade acadêmica contábil no Brasil.

Palavras-chave: Comunidades de Prática. Socialização. Sistema Social de Aprendizagem.

1. INTRODUÇÃO

No presente artigo, partimos do entendimento da socialização profissional - e no caso de doutorandos a socialização acadêmica - como um processo em que o indivíduo aprende as normas sociais e competências esperadas de determinada comunidade profissional, passando de leigo a um profissional competente (Hughes, 1955; Gardner, 2008; Cruess, Cruess, Boudreau, Snell & Steinert, 2015; Gendron & Martel, 2021). Assim, o processo formativo de um doutorando compreende não só os conhecimentos formais, mas também as normas e valores que permeiam a comunidade da qual o indivíduo pretende integrar, constituindo assim um processo de socialização (Gendron & Martel, 2021).

Tal socialização é dinâmica e envolve múltiplas relações com os agentes que compõem essa comunidade (Cruess et al., 2015). No caso dos doutorandos, envolve as relações com os corpos docentes dos Programas de Pós-Graduação (PPGs), pares discentes, orientadores e a comunidade em geral (Fogarty & Jonas, 2010; Raineri, 2015; Fox, 2018). A socialização é ainda um processo disciplinar e normativo que sinaliza e constitui o “bom acadêmico contábil” e, conseqüentemente, marginaliza os acadêmicos destoantes do perfil (Panozo, 1997).

Considerando a importância das comunidades e seus valores para o processo de socialização, adotamos como marco teórico os conceitos de Comunidades de Prática (CoP) e do Sistema Social de Aprendizagem propostos por Étienne Wenger na constituição de uma Teoria Social da Aprendizagem (Wenger, 1998, 2000, 2007, 2010, 2011; Lave, & Wenger, 1991). Essa perspectiva permite compreender como a comunidade se organiza, define valores, competências e propósitos compartilhados, assim como organiza um sistema de aprendizagem socialmente situado, dinâmico e influenciado pelas múltiplas relações entre seus membros.

Com base nas discussões viabilizadas por Étienne Wenger, reconhecemos a comunidade científica da contabilidade brasileira como uma Comunidade de Prática (CoP), visualizando-a como um sistema social em que seus membros podem se engajar e se reconhecer participantes, negociar experiências, perspectivas de mundo e se organizar coletivamente (Wenger, 2007).

As CoPs viabilizam formas de participação que promovem a geração de significados em um processo contínuo entre o individual e coletivo que variam entre participações centrais

e periféricas. As participações centrais são caracterizadas como as que possibilitam a mobilização de perspectivas, engajam o grupo e desenvolvem propósitos, organizando a trajetória coletiva dos participantes. Já as periféricas se constituem quando a comunidade não permite ao sujeito tornar-se um membro efetivo, assim, a sua participação é sempre influenciada por nuances de uma não-participação (Wenger, 2007, p. 165).

Acerca dos novos entrantes na comunidade – como os doutorandos – tais sujeitos são considerados, nessa pesquisa, como Participantes Periféricos Legítimos (PPL), pois se constituem como sujeitos em trânsito entre a margem e o centro, na busca de tornar-se um membro efetivo a partir dos processos formativos e de aquisição de competências (Lave & Wenger, 1991). Nossa atenção se volta para as relações que estes participantes estabelecem com a comunidade e as experiências que compartilham no processo de tornar-se um participante pleno, o que inclui as habilidades e conhecimentos obtidos (Lave & Wenger, 1991).

Considerando a importância das CoPs para o processo de socialização e o fato de a literatura sobre socialização acadêmica em Contabilidade ser majoritariamente focada nos países de língua inglesa, observamos a carência de trabalhos que discutam outros contextos, como o Brasileiro. A partir dessa lacuna, nosso objetivo é **compreender as experiências de doutorandos a partir das relações que estes estabelecem com a comunidade científica contábil brasileira.**

A importância de entender a relação dos doutorandos com as CoPs se embasa no entendimento de que “as comunidades de prática representam os elementos básicos de um sistema de aprendizagem social, pois são os ‘recipientes’ sociais das competências que compõem tal sistema. Ao participar dessas comunidades, definimos uns com os outros o que constitui competência em um determinado contexto: ser um médico confiável, um fotógrafo dotado, um estudante popular ou um astuto jogador de pôquer” (Wenger, 2000, p. 229). Dessa forma, essa abordagem teórica nos possibilita entender a construção do “bom acadêmico contábil” (Panozo, 1997) brasileiro a partir dos valores adotados e reproduzidos pela comunidade brasileira, assim como a relação que os entrantes estabelecem com a CoP existente.

Empiricamente, conduzimos uma pesquisa qualitativa por meio de entrevistas semiestruturadas com 11 doutorandos de diferentes PPGs e regiões do Brasil. Tais entrevistas foram analisadas a partir das categorias advindas da literatura em Comunidades de Prática e Sistema Social de Aprendizagem. Os resultados indicam que os Participantes Periféricos Legítimos não se tornam membros centrais pelos limites impostos pela própria comunidade. Tais limites constitutivos do processo social funcionam como um impedimento da relação entre o indivíduo e a própria CoP, ou seja, a aprendizagem social constitutiva da comunidade científica não se desenvolve. Os participantes indicam ainda a existência da perda de sentido em sua trajetória acadêmica, episódios de violência epistêmica, arbitrariedade dos orientadores e eventos científicos que (re)produzem os limites da comunidade contábil brasileira na constituição do “bom acadêmico contábil”.

A partir desses resultados, contribuimos para a expansão da discussão sobre Comunidades de Prática e Sistema Social de Aprendizagem ao apresentar evidências empíricas da barreira entre as CoPs e o processo de socialização profissional. Os resultados da pesquisa indicam ainda o desalinhamento entre os valores da comunidade acadêmica existente e dos novos entrantes, o que pode colocar em xeque a sustentabilidade da comunidade acadêmica contábil no Brasil. Por fim, os resultados indicam a necessidade de repensar e reformular os valores da comunidade existente para viabilizar a participação efetiva dos novos entrantes.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Um Sistema Social de Aprendizagem, segundo Wenger (2000), pode ser compreendido por meio dos seus elementos basilares, divididos em dois aspectos principais: (i) elementos estruturantes do sistema de aprendizagem; e (ii) a discussão sobre competência social e experiência pessoal. No primeiro busca-se compreender como os elementos estruturantes materializam-se na constituição das competências ao longo das interações no próprio sistema de aprendizagem a partir das CoPs, seus limites e as relações com os indivíduos. Já no segundo são considerados os valores e conhecimentos necessários para o indivíduo se desenvolver enquanto membro efetivo de uma comunidade, assim como sua trajetória de vida.

2.1. Elementos Estruturantes de um Sistema Social de Aprendizagem

Um sistema social de aprendizagem é estruturado em três elementos centrais: (i) Comunidades de Prática, (ii) os limites entre as CoPs e (iii) o processo formativo das identidades com base nas relações com as comunidades (Wenger, 2000). Dessa maneira, entendemos que a CoP se constitui como o elemento central dos sistemas sociais de aprendizagem. O desenvolvimento da noção de CoP foi inspirado por teorias antropológicas e sociais que tentam entender a relação entre o homem e o conhecimento, como as desenvolvidas por Jean Lave, Pierre Bourdieu, Anthony Giddens, Michel Foucault e Lev Vygotsky (Wenger, 2010).

Ainda de acordo com Wenger (2010) as CoPs são espaços que promovem novas perspectivas sobre o conhecimento e a aprendizagem, definidas como “grupos de pessoas que compartilham preocupações ou uma postura por algo que fazem e aprendem a fazê-lo melhor à medida que interagem regularmente” e formadas por grupos que se engajam de forma coletiva em um processo de aprendizagem (Wenger, 2011, p. 1).

Comunidades de prática são formadas por pessoas que se envolvem em um processo de aprendizagem coletiva de um domínio compartilhado do esforço humano: uma tribo aprendendo a sobreviver, um grupo de artistas buscando novas formas de expressão, um grupo de engenheiros trabalhando em problemas similares, um grupo de alunos definindo sua identidade na escola, uma rede de cirurgiões explorando novas técnicas, um encontro de gerentes de primeira viagem ajudando uns aos outros a lidar com a situação (Wenger, 2011, p. 1).

Uma CoP é definida por três elementos: o domínio, a comunidade e a prática. O domínio representa a competência compartilhada entre os membros de um grupo, considerado elemento distintivo de outras comunidades e indivíduos. É por meio do domínio que os membros constroem uma identidade definida e caracterizada por interesses comuns. Já a comunidade reflete as relações de aprendizagem que os indivíduos constroem entre si em um espaço de domínio. Por fim, a prática pode ser entendida como repertório de experiências, ferramentas e construções coletivas voltados para a resolução de determinados problemas (Wenger, 2011).

Nesse sentido, Wenger (2000) compreende que as CoPs são necessárias para a construção do conhecimento. Este só pode ser construído na interação entre a pessoa e o mundo, ou seja, na interação entre o mundo social e o indivíduo, caracterizando uma relação bidirecional entre a constituição do social e do individual (Wenger, 2010). As CoPs definem as competências necessárias para a participação nesse sistema e são responsáveis por delimitar os atributos que devem ser atendidos para que os sujeitos se reconheçam como participantes dela.

Adicionalmente, as CoPs adquirem diferentes contornos sociais, como por exemplo as casas das pessoas, os locais de trabalhos e demais organizações. Dessa forma, um mesmo indivíduo pode fazer parte de diversas CoPs, adotando formas de participação distintas de acordo com a comunidade em que está inserido (Wenger, 2011). A própria noção de diversas comunidades implica a existência de fronteiras entre elas para distinguir uma CoP de outra.

Tais fronteiras são fluídas, baseadas nas diferentes formas de engajamento e podem se tornar mecanismos de divisão, fragmentação e desconexão (Wenger, 2000).

Apesar da importância das fronteiras para delimitar as CoPs, elas podem tornar as CoPs reféns de sua própria história se forem constituídas em valores defensivos e inquestionáveis, ou seja, adotando limites rígidos acerca de seus valores constituintes (Wenger, 2000). Por outro lado, as fronteiras “também podem ser áreas de aprendizagem incomum, lugares onde as perspectivas se encontram e emergem novas possibilidades. Radicalmente, novas perspectivas surgem nas fronteiras entre comunidades” (Wenger, 2000, p. 233).

Ao se posicionar dentro das fronteiras de uma CoP o indivíduo se constitui com base nos valores compartilhados, ou seja, constrói sua identidade em alinhamento com aquela CoP (Wenger, 2000). As CoPs interferem na constituição das identidades, baseada na noção de competência e as experiências individuais num processo de saber e existir no mundo. Adicionalmente, a capacidade de transitar entre diferentes comunidades depende da capacidade individual de suspender ou performar determinadas e diferentes identidades (Wenger, 2000). Por fim, a identidade do indivíduo se relaciona ainda com as CoPs da qual ele faz parte, pois aprender as competências daquela comunidade modifica a maneira de existir e se posicionar socialmente no mundo, ou seja, transforma a identidade do indivíduo já que a aprendizagem é um processo social de tornar-se (Wenger, 2010).

A partir dessa articulação, é possível estabelecer a comunidade científica da contabilidade brasileira como uma CoP. Ela possui seus próprios valores, se organiza de forma específica e é importante no processo formativo dos doutorandos na área. Esses sujeitos, entrantes e periféricos na medida que acessam a essa comunidade, iniciam um processo de socialização para aprender as competências necessárias visando tornar-se um membro efetivo (identidade), desenvolvendo aprendizagens com e a partir da CoP e das fronteiras definidas coletivamente.

2.2. Competência Social e Experiências Pessoais no Sistema Social de Aprendizagem

Na perspectiva dos Sistemas Sociais de Aprendizagem a competência é histórica e socialmente construída. As CoPs a estabelecem ao longo do tempo, refletindo os saberes necessários para que seus participantes sejam reconhecidos. O saber torna-se, portanto, reflexo das competências definidas nas comunidades sociais. Ao adquirir as competências de uma CoP, o sujeito inicia o processo de constituir-se membro dessa comunidade (Wenger, 2000).

A integração dos membros nas CoPs é mais complexa e dinâmica do que aparenta. Os sujeitos acumulam experiências de vida que são diversas e por vezes conflitantes com os padrões sociais refletidos nas comunidades, indicando que a competência socialmente definida pode não estar em interação com a experiência individual. É esse processo que surgem novas formas de aprendizagem (Wenger, 2000).

O saber reflete, portanto, dois componentes: aquele definido socialmente na CoP ao longo do tempo e aquele que é reflexo das experiências individuais do sujeito no mundo, o que inclui as participações nas CoPs e além delas. A aprendizagem é, portanto, bidirecional entre o sujeito e as comunidades que participa, podendo ser congruente ou divergente (Wenger, 2000). A dinamicidade entre as interações locais e as participações globais leva o sujeito a experimentar diferentes formas de pertencimento nos sistemas sociais de aprendizagem. Ela decorre das múltiplas formas de participação, mediadas pelos modelos de pertença que vão dar sentido à identidade: o engajamento, a imaginação e o alinhamento (Wenger, 2000, 2007, 2010).

O engajamento é o processo que decorre do envolvimento e reflete a forma como os indivíduos participam e interagem na construção da própria comunidade de prática, o que resulta na produção de experiências compartilhadas, de relações interpessoais e na associação



entre as várias trajetórias internas que vão moldar as identidades entre si. Engajando-se, os sujeitos podem interagir em determinadas ações, compartilhar histórias de aprendizado e se relacionarem. Um processo de formação da própria comunidade (Wenger, 2007, p. 174-175).

A imaginação decorre de um processo de reflexão sobre a nossa posição no mundo e a relação que desenvolvemos com ele. Por meio da imaginação, é possível transcender o tempo-espaço e expandir o próprio indivíduo, criando novas imagens para o mundo e para nós mesmos (Wenger, 2007, p. 175-178). Quando imaginamos, damos à comunidade novos significados, possibilidades e perspectivas. A partir dela, vislumbramos novos significados para as ações compartilhadas e podemos nos colocar no lugar do outro para compreender suas experiências. Por fim, o alinhamento é o trabalho de coordenar os esforços da comunidade para um propósito comum. Uma comunidade alinhada permite que as atividades desenvolvidas alcancem espaços mais amplos e ganhem força, estendendo seus efeitos no mundo (Wenger, 2007, p. 178-181).

Esses modos de pertencimento contribuem para a formação das CoPs e da identidade pessoal dos sujeitos. Eles vão constituir a identidade do participante em um processo de identificação, pois é através dela que estaremos mais ou menos engajados nas CoPs. A identificação resulta tanto de um processo de participação como de reificação (Wenger, 2007, p. 191). Participativo porque reflete as pessoas com quem o sujeito se identifica, se associa e direciona esforços para compartilhar experiências. Já pela reificação esse sujeito passa a se identificar como um membro constituinte da CoP, se definindo como.

O engajamento acontece pela identificação na medida em que o sujeito direciona esforços para consolidar as práticas da CoP. Essa é uma forma de organizar tanto as ações individuais quanto as coletivas, pois nesse processo de interação os sujeitos podem potencializar a sua própria compreensão como membro, assim como o grupo pode se consolidar como comunidade. Na perspectiva do engajamento, a identificação acontece na prática, sendo um processo mútuo entre o individual e o coletivo (Wenger, 2007, p. 192-193).

A identificação permite imaginar um mundo que buscamos construir e como viabilizá-lo. Por meio da imaginação é possível vislumbrar um contexto em que o sujeito pode ser projetado. Dessa forma, uma CoP contribui para a construção de uma identidade na medida em que o sujeito visualiza nela uma possibilidade de mundo no qual ele possa se enxergar e fazer parte no futuro. Por fim, o alinhamento também contribui para a identificação tendo em vista que os praticantes compartilham visões de mundo, referências sobre a contabilidade e discutem seu papel no contexto. Um processo que ocorre pela lealdade e conformidade (Wenger, 2007).

Além da identificação, a negociabilidade influencia a identidade porque, através dela, é possível gerar significados e torná-los aplicáveis nas CoPs, dando sentido à participação e viabilizando a filiação no grupo (Wenger, 2007, p. 197). Com a negociação, permitimos que a posição na comunidade seja demarcada. Isso significa que apenas a identificação não é suficiente para o sujeito se reconhecer como membro, pois ele precisa ter condições de negociar com essa comunidade, posicionando-se enquanto sujeito que carrega suas próprias experiências e compreensões de mundo, e que a comunidade deve estar aberta a absorver essas contribuições para, então, ocorrer a geração de significados e construção da identidade.

Wenger (2007, p. 145) reconhece a construção da identidade como um processo de negociação de significados entre os membros de uma comunidade social. Pensar a identidade em uma perspectiva socialmente situada não significa que a individualidade seja apagada ou esteja subordinada ao grupo. Pelo contrário, ela é construída a partir de um processo mútuo que acontece entre o sujeito e a CoP, sendo difícil demarcar o término o espaço individual e o início do coletivo, tendo essas relações influência nas práticas sociais.

A identidade não está centrada apenas na individualidade, sendo ela formada e interconectada a partir de um processo de interação com as CoPs. Portanto, “é tão enganoso ver

as identidades como abstratamente coletivas quanto vê-las como estritamente individuais” (Wenger, 2007, p. 146). A partir da compreensão de que a identidade é socialmente construída em um processo interativo entre o sujeito e as comunidades, o seu desenvolvimento precisa ser pensado em um contexto específico, não sendo formada apenas da relação que os membros desenvolvem com o grupo, mas também influenciada pela posição que as comunidades possuem dentro dos arranjos sociais mais amplos (Wenger, 2007, p. 168-169).

Conseqüentemente, a negociação de significados acontece por um processo de dualidade entre a participação e a reificação (Wenger, 2007, p. 150-151). Participar significa constituir-se membro e integrar-se a uma CoP. Já a reificação é um processo de dar forma, materializar e solidificar as nossas experiências com essas comunidades. Em síntese, as competências nas CoPs são social e historicamente definidas. O que é competência na comunidade contábil do Brasil pode não ser em outros contextos. Não obstante, falar sobre aprendizagem em um sistema social é pensar o saber e o conhecimento individual e coletivo. A CoP é necessária para viabilizar as formas de pertencimento, fornecendo meios de engajamento, imaginação e alinhamento. Esse processo é basilar para a formação da identidade, o que inclui uma identificação com a CoP existente, seus valores e trajetória, mas, sobretudo, pela capacidade de negociação no processo transformativo do indivíduo e da comunidade.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Visando atingir o objetivo proposto, adotamos a perspectiva crítica de pesquisa (Chua, 1986) cujo objetivo principal é compreender como as relações de poder se (re)produzem e influenciam as experiências dos sujeitos sociais (King, 2004; Qu & Dumay, 2011), permitindo compreender como esses indivíduos se relacionam e vivenciam as CoPs, bem como as relações de poder influenciam essa relação entre as CoPs e os sujeitos (Wenger, 2007).

Para a construção de evidências conduzimos entrevistas semiestruturadas com o auxílio de um guia de entrevistas elaborado a partir de duas fontes: (i) dos principais tópicos da discussão teórica proposta por Étienne Wenger, já apresentados no referencial teórico e (ii) da experiência de dois dos autores que também eram/são discentes em cursos de doutorado em contabilidade no Brasil. Essa etapa permitiu a análise reflexiva das ideias do autor para que as categorias teóricas fossem devidamente refletidas nas entrevistas.

O guia de entrevista continha questões que permitiam compreender as experiências dos doutorandos a partir das relações que possuem com a CoP e do envolvimento nesse sistema social de aprendizagem. A seleção dos participantes foi intencional, assim, convidamos estudantes de doutorado em contabilidade em diferentes fases do curso e vinculados a diferentes programas de pós-graduação. A condução das entrevistas ocorreu entre agosto e setembro de 2021 por meio de uma plataforma virtual (Google Meet). As entrevistas foram gravadas com a devida autorização dos participantes e posteriormente transcritas.

A Figura 1 detalha as informações das entrevistas realizadas com onze doutorandos, totalizando quase 10 horas e 56 minutos de material audiovisual e 250 páginas de transcrições.

| Entrevistado | Sexo | Abordagem de Pesquisa | Duração da Entrevista | Data da Entrevista |
|----------------|--------|---------------------------|-----------------------|--------------------|
| Entrevistado 1 | Homem | Pragmático | 00:43:08 | 2021-08-16 |
| Entrevistado 2 | Homem | Interpretativista/Crítico | 00:56:56 | 2021-08-19 |
| Entrevistada 3 | Mulher | Positivista | 00:47:53 | 2021-08-20 |
| Entrevistada 4 | Mulher | Pragmático | 01:33:33 | 2021-08-24 |
| Entrevistada 5 | Mulher | Crítico | 00:46:31 | 2021-08-25 |
| Entrevistado 6 | Homem | Crítico | 00:46:22 | 2021-08-26 |
| Entrevistado 7 | Homem | Positivista | 00:56:44 | 2021-08-30 |

| | | | | |
|-----------------|--------|---------------------------|----------|------------|
| Entrevistado 8 | Homem | Interpretativista | 01:22:45 | 2021-08-31 |
| Entrevistada 9 | Mulher | Interpretativista | 00:45:47 | 2021-09-01 |
| Entrevistado 10 | Homem | Interpretativista | 00:49:11 | 2021-09-01 |
| Entrevistado 11 | Homem | Crítico/Interpretativista | 01:27:44 | 2021-09-02 |

Figura 1: Informações sobre as entrevistas. Nota: A posição epistemológica dos entrevistados foi autodeclarada.

A análise dos dados tomou como base as entrevistas transcritas e as notas de campo realizadas durante a condução das análises. Para a construção das categorias, os autores se reuniram para refletir sobre os dados e anotações de campo. Essa etapa permitiu uma análise preliminar dos resultados, bem como um diálogo inicial dos achados com a teoria de Wenger (1998, 2000, 2007, 2010, 2011; Lave, & Wenger, 1991) e com as discussões sobre socialização inerentes ao contexto brasileiro. A partir disso, iniciou-se a construção das categorias.

A elaboração das categorias ocorreu de forma aberta e flexível, de modo que novas subcategorias foram incluídas na medida que emergiram do campo. Após esse processo, os autores se reuniram para uma nova discussão sobre cada uma delas, o que permitiu que diferentes percepções fossem contrastadas e articuladas e que o processo analítico-reflexivo fosse desenvolvido com base em perspectivas distintas. A escrita da análise se deu em resultado desse processo dialógico.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nossas análises baseiam-se nos principais conceitos de Wenger (1998, 2000, 2007, 2010, 2011; Lave, & Wenger, 1991) para compreender a relação entre os doutorandos e a CoP da comunidade acadêmica em Contabilidade no Brasil. Dessa maneira, discutimos inicialmente como as experiências individuais influenciam as trajetórias dos participantes da pesquisa para entender como suas vivências sócio-históricas influenciam sua relação com a CoP. Em seguida, analisamos os valores da CoP existente, que influenciam o processo de participação (pertencimento) dos doutorandos em relação à CoP. Por fim, analisamos a interação dos participantes com a CoP para entender seu processo de construção enquanto membro.

4.1. Trajetórias Individuais e Experiências de Mundo

Como discutido por Wenger (2007), a trajetória individual dos sujeitos influencia sua maneira de se posicionar no mundo e consequentemente na sua relação com as diversas CoPs das quais faz parte. Nesse sentido, visamos entender os sentidos encontrados em relação à trajetória de vida no processo de socialização dos participantes.

Um dos sentidos encontrados refere-se à indissociação entre identidade pessoal e a construção da identidade enquanto sujeito acadêmico, indicando a negociação de valores pessoais com os valores da comunidade, ou seja, ilustrando o processo de socialização e a construção da identidade profissional (Cruess et al., 2015). Emergem nas entrevistas as experiências desde a infância, influenciando a interpretação das vivências no mundo social enquanto pesquisadores.

Eu acho que essa identificação ela é prévia, existe uma Entrevistada 9 antes da pesquisa, com tudo aquilo que ela vem, que ela traz de infância, de vida e tudo o mais e nesse sentido o pesquisador também vai se identificar né, com a forma de ver o mundo, uma forma de ver a realidade. Então eu acho que é nesse sentido, é por aí sabe, é uma coisa, é um processo, assim, de referenciação do pesquisador mesmo. [Entrevistada 9]

Dessa maneira, é notável a influência dos valores e experiências pessoais na trajetória de constituir-se um acadêmico e membro de uma CoP. Observamos ainda que a trajetória individual dos entrevistados também é marcada por realidades sociais e econômicas particulares que influenciam a forma como o sujeito visualiza a educação, os espaços acadêmicos e seus

interesses de pesquisas. Nesse sentido, alguns participantes destacam a graduação e pós-graduação como capazes de modificar a realidade social individual e familiar – possibilidade de sobrevivência, de mobilidade social e de mudança de perspectiva de vida – conforme relato:

Eu não consigo distinguir se é algo, uma característica minha, pessoal, prévia à experiência acadêmica, né? [...] Eu acho que dentro da minha trajetória de vida, né, eu sempre tive muito a educação como essa ferramenta que ia me fazer ter uma mobilidade social. [...] Então eu sempre fui educada muito nessa valorização da educação, então assim, é como se meus pais dissessem que “olhe minha filha, a única coisa que a gente pode te dar é educação, então esse é o único recurso que você tem”. [...] E aí eu conseguia, meio que, acho que eu já tinha uma cabeça de contadora, assim, de analisar cenário, sabe? E eu ia atrás dessa melhora, de ver as possibilidades que meus pais poderiam dar e a gente ir buscando isso. [Entrevistada 4]

As experiências familiares são novamente apontadas como importantes para que o sujeito se interessasse pela contabilidade, especialmente no seu potencial de alterar a realidade social dos sujeitos (Cintra, Sauerbronn & Haslam, 2022). Um entrevistado, particularmente, visualizou na contabilidade uma possibilidade de mudança na forma como os indivíduos do seu círculo familiar lidavam com os recursos financeiros.

Foi no ensino médio. Eu já tinha essa visão um pouco mais pra área de negócios porque a parte financeira sempre me chamou muita atenção. Então, eu sempre fui muito de poupar, de pensar nessa questão financeira, acho que por muito de eu ver que meu pai era muito descontrolado financeiramente. Então eu sempre ficava com isso na cabeça né, eu tenho que corrigir um pouco essa parte financeira, assim, da família, tentar ajudar eles com isso. [Entrevistado 7]

Esses relatos mostram que incentivos familiares, sociais e econômicos em suas trajetórias individuais influenciaram as suas escolhas acadêmicas. Ou seja, existem experiências prévias à construção da identidade acadêmica que influenciaram suas escolhas, seu posicionamento social e, portanto, sua relação com as diferentes CoPs que fazem parte. Destacamos ainda que os sujeitos também acumulam suas vivências sócio-históricas e políticas tanto dentro quanto fora da academia contábil. Esses elementos demarcam a constituição do sujeito na sociedade, assim como a construção da sua identidade acadêmica, influenciando seus interesses de pesquisas. Esse processo é marcado pela visualização de atores engajados politicamente, capazes de questionar o *status quo* e as estruturas sociais, como ressalta o Entrevistado 11.

Bom, eu pesquiso, eu tenho interesse na área de sustentabilidade desde sempre assim, desde sempre. É porque eu sempre fui muito metido com essas coisas de causas. [...] Eu tenho um senso de justiça, digamos assim, e é difícil eu ver uma coisa sendo feita injustamente e eu não me pronunciar a respeito daquilo. Primeiro que eu acho que quem não se pronuncia é conivente, segundo, porque eu, de fato, me sinto atacado pessoalmente quando eu vejo um caso. [Entrevistado 11]

O engajamento individual com temáticas entendidas como políticas emergem do campo a partir das trajetórias prévias dos sujeitos. Parte do sujeito sua forma de se identificar com problemas da sociedade, que o entrevistado denomina como contendo uma “natureza transgressora de contracultura”.

O engajamento político aparece como mecanismo de alinhamento da perspectiva de mundo às pesquisas, mas também como fonte de questionamento enquanto pesquisador. Dessa forma, entendemos que os participantes da pesquisa recusam a visão de uma ciência necessariamente neutra e imparcial, reconhecendo seu potencial transformador político e social. Entretanto, como mostra o relato a seguir, o entrevistado sinaliza dificuldade em relacionar os seus interesses individuais por questões sociais, demonstrando a dificuldade em se reconhecer enquanto pesquisador na área, dado à crença de uma contabilidade neutra pautada pelo positivismo (Martins, 2013; Homero Junior, 2021).

Sempre fui uma pessoa incomodada com problemas sociais e eles não só foram respondidos pela contabilidade,... são respondidos por várias áreas [...]. Eu cheguei me questionar se eu tava na área certa, se não deveria fazer ciências sociais, ciência política, mas, depois vendo vários trabalhos que eu falava assim “poxa, eu me identifico com isso aqui, eu me identifico com essa interpretação da contabilidade como linguagem, eu me identifico com essa interpretação da contabilidade enquanto tecnologia”. [...] E... só foi possível esse meu posicionamento também depois de muitas leituras [...] é... de um longo percurso, vamos dizer assim, de trilha mesmo, a gente vai trilhando, e vai se encontrando e aí você vai e fala assim “ah isso aqui eu não gosto, isso eu não gosto, isso eu gosto” e... que aí nisso a parte é ontológica é muito sua né. [Entrevistado 2]

Com base nos relatos observamos que o ingresso de corpos dissidentes e historicamente marginalizados nos espaços universitários leva os sujeitos a construir a sua identidade acadêmica a partir de outras perspectivas. Características particulares ao indivíduo, resultado dos marcadores sociais que carregam, tornam as relações distintas umas das outras. Ao considerarmos que a contabilidade ainda é composta em sua maioria por uma população acadêmica branca, de meia idade e heterossexual, sujeitos que fogem dessa tríade carregam diferentes vivências na sua relação com os demais membros da área (Nganga, 2019), especialmente pelo formato de socialização *fitting the mold* (Gardner, 2008; Lima, 2022). Relatos revelam como a posição onto-epistêmica é reflexo de experiências enquanto homossexual e pesquisador crítico.

Surge desse sufocamento das nossas sexualidades serem silenciadas no campo da contabilidade, das nossas identidades serem silenciadas. É... e dos tantos comportamentos preconceituosos velados que tivemos durante todo o percurso [...]. Esse espaço, essa inquietação surge de uma pessoa que se juntam e aí a gente começa a convergência de experiências em relação a isso, elas vão nessa força política de reivindicar esses espaços até que encontra oportunidade, [...] e coloca aquilo tudo pra ser executado e a partir dali já se tem um movimento que jamais irá parar. [Entrevistado 2]

O Entrevistado 10 considera que a sua identificação enquanto pesquisador interpretativista surge da possibilidade de desenvolver pesquisas com base nas suas experiências individuais na contabilidade. Para o entrevistado, a possibilidade de construir pesquisas a partir dos espaços que ocupa, sendo um sujeito negro e homossexual, seria uma possibilidade de (re)pensar a contabilidade e as relações a partir dela estabelecidas, sobretudo nos ambientes acadêmicos.

A onda mais interpretativista eu acho que vem ... quando eu tive oportunidade de ser questionado, por uma amiga, em relação a possibilidade de construir uma história de vida pra pesquisa, então, a minha história de vida como algo que poderia ser convertido em conhecimento científico. [...] Então eu fui tendo contato com essas pesquisas e falei “peraí, acho que isso é legal e isso se enquadra muito com a minha visão de mundo”, sabe? Então, esse senso de justiça, de questionador, até da onde meu corpo tá hoje. Então acho que foi um encontro que já tava previsto, sabe? Só faltava alguns starts e daí eu falei assim “isso...” daí aquela história né, “isso é contabilidade” e eu questiono uma estrutura a partir de histórias de vida, a partir de memórias, a partir de relatos. [Entrevistado 10]

Essas experiências podem ser pensadas a partir das mudanças observadas no Brasil nos últimos dez anos por meio do incentivo ao ingresso de estudantes oriundos do sistema público de educação, abrangendo recortes de raça e classe. Por meio de uma lei popularmente conhecida como “Lei de Cotas”, 50% das vagas das universidades federais passaram a ser reservadas para o ingresso de sujeitos que historicamente tiveram seu acesso negado ao ensino superior. A entrada desses indivíduos nos cursos de graduação em contabilidade e, conseqüentemente, nos programas de pós-graduação, pressiona para que outras perspectivas emergam ao campo.

E a gente tá tendo aqui, agora, uma recepção da galera que veio das cotas, os frutos das cotas tão começando a querer invadir. As pessoas que foram beneficiadas pelas políticas de educação do

governo PT [...]. Então essa galera tá cheia de anseios e a gente tem que tá ali nesses espaços pra romper essas portas ou legitimar essas portas pra que eles entrem e aí o país começa a mudar. [Entrevistado 8]

Dessa maneira, observamos que os novos entrantes na comunidade científica contábil brasileira dispõem de valores que reforçam o caráter político e social tanto da contabilidade, quanto da ciência, sendo esses valores construídos a partir de suas trajetórias e vivências individuais enquanto sujeitos sociais. Contudo, como mostra a literatura anterior (Martins, 2013; Homero Junior, 2017; 2021) a comunidade científica contábil brasileira nega tais valores e se ancora numa visão “neutra” de contabilidade. Dessa forma, tais entrantes possuem algumas escolhas que são feitas de maneira (in)consciente: suprimir seus valores para que sejam entendidos como membros da CoP de maneira plena ou contestar os valores da CoP existente. Essa constatação traz a necessidade de entender como os participantes da pesquisa interpretam os valores da comunidade existente.

4.2. Comunidade de Prática Existente: a CoP na Contabilidade Brasileira

A comunidade de contabilidade no Brasil, segundo a literatura, é marcada por uma visão restrita de contabilidade relacionada à profissão e baixa autonomia do campo científico (Homero Junior, 2017), com preferência por métodos quantitativos e primazia da pesquisa positivista (Martins, 2013; Homero Junior, 2021). À luz de nosso quadro teórico, buscamos compreender esses aspectos.

Os valores que embasam a construção da CoP existente, na percepção dos doutorandos, se pautam numa visão restrita de contabilidade que reproduz a negação de visões alternativas que contestam a visão hegemônica de contabilidade. Adicionalmente, os participantes destacam que os programas de pós-graduação contribuem para manter essa visão hegemônica por meio da organização pedagógica de seus currículos e disciplinas.

Relatos destacam que ocorre, ao mesmo tempo, uma maior aceitação de pesquisas baseadas em dados financeiros a partir de métodos estatísticos e uma maior resistência de pesquisas com visões alternativas e ancoradas em tradições de pesquisa não positivista.

Mas isso é bem limitado também, falando da academia geral [...] é muito engessada a contabilidade e pra contabilidade precisa, é, se falar em financeiro, em área financeira pra ser uma boa pesquisa, precisa ter estatística, de forma geral, muitos testes e é... ainda tem uma resistência pra entender que a gente é mais do que números né. [Entrevistada 7]

A recusa de visões alternativas na contabilidade é imposta desde o processo seletivo para ingresso nos cursos de mestrado e doutorado, segundo relatos. Muitas vezes, os orientadores estão se clonando em seus orientados ao invés de os incentivarem a perseguirem seus interesses com autonomia para pensar sua realidade. A formação de um “exército de clones” gera isolamento de pesquisadores de abordagens “alternativas” dentro dos programas, ampliando barreiras no processo de integração e alinhamento à comunidade existente.

[...] Em alguns momentos também eu senti muita dificuldade de ter pessoas pra discutir, essa acho que é a maior falha, que teve assim, na minha formação. É, estar num ambiente que eu não tinha colegas pra discutir né, com exceção de uma pessoa, mas é uma pessoa no meio de trinta [...]. [Entrevistada 5]

O excessivo foco em uma linha de pesquisa reforça a resistência de pares e professores de PPGs e até mesmo desincentiva novos acadêmicos a perseguirem seus interesses. Observamos como é estabelecida uma vigilância paradigmática pelos diversos membros da comunidade existente e como tal vigilância privilegia uma temática em detrimento das demais.

No mestrado não foi bem recebido, de verdade. O nosso programa ele tinha muito, um viés muito financeiro [...] É... o meu orientador, especificamente, me apoiou né, ele concordou com a ideia lá, desde o começo. Ele tava apostando também em temas diferentes do tradicional da

contabilidade, e ele achava que poderia sim. Então eu tive resistência sim, de forma geral, do programa, dos professores, dos pares, é... eu escutei antes da qualificação, escutei depois da qualificação e defesa também “ah, tu não vai continuar a pesquisando aqueles tema louco lá né, num sei o que”. [Entrevistada 7]

Outros entrevistados também destacam a importância de orientadores, professores e outros colegas em lhes apresentarem abordagens “alternativas” de pesquisa. Relatos apontam que não apenas o orientador, mas outra professora do programa incentivava e apoiava os alunos a buscarem seus interesses mesmo que fossem complexas e consideradas “não-contábeis”.

Aí fora isso, teve uma professora, é... a gente, durante o, não sei se foi mestrado ou doutorado, mas a gente encontrava uns temas meio loucos sobre suicídio e tal [...] E ela aprovou, ela incentivava umas pesquisas diferentes, assim, a professora [NOME], mas especificamente a professora [NOME]. O [NOME] não aceitaria um tema tão complexo relacionado a um tema muito profundo [...]. [Entrevistada 7]

Entendemos que sujeitos como os professores mencionados nos relatos sejam importantes por apresentar novas abordagens à comunidade existente e até mesmo desafiar os valores existentes. Tais agentes incentivam novos acadêmicos a buscar uma *passionate scholarship* (Courpasson, 2013), trazer abordagens e teorias novas à comunidade existente, dessa forma exercendo sua criatividade e trazendo inovações para o conhecimento contábil. Contudo, em alguns casos os orientadores e demais membros do corpo docente reproduzem a vigilância paradigmática por meio dos processos seletivos para cursos de mestrado e doutorado.

Ó os orientadores “aqui a gente só faz isso”. Então, é... ou você se adequa aqui ou senão é... vai ficar ruim a orientação porque não teria alguém pra, nem pra lecionar lá na instituição, é... pesquisa qualitativa, e aí, conseqüentemente pra orientar também não teria alguém assim disponível. Então, era o que tinha pra fazer. [Entrevistado 1]

Além da imposição por meio da orientação, há outros aspectos formativos como o currículo e reforça o cenário em que o orientador e sua formação se apresentam como barreiras ao desenvolvimento de pesquisas em abordagens “alternativas”. Dessa forma, observa-se a dinâmica da criação de pesquisas que merecem estar à margem e outras que são centrais (Gendron & Rodrigue, 2021) reforçando a existência de um “bom acadêmico contábil” (Panozo, 1997) e adicionando a interpretação do que é contabilidade e pesquisa contábil ao molde de socialização (Gardner, 2008; Homero Junior, 2021; Lima, 2022).

Complementarmente, alguns entrevistados destacam que os currículos são formados majoritariamente por disciplinas de métodos quantitativos e que mais recentemente os programas passaram a oferecer disciplinas de métodos qualitativos. Nganga, Casa Nova e Lima (2022) criticam o cenário atual em que as disciplinas de epistemologia e métodos qualitativos representam, respectivamente, 7,19% e 7,84% das disciplinas voltadas à formação para pesquisa, enquanto as disciplinas de métodos quantitativos representam 35,95%.

Alguns dos entrevistados ressaltam a falta da disciplina de epistemologia no PPG e ressaltam terem cursado apenas disciplinas de cunho utilitarista que apresentavam métodos de pesquisa sem discutir seus pressupostos filosóficos. Muitas têm apenas o intuito de prepará-los para a execução de um projeto de pesquisa. Por outro lado, alguns entrevistados, como Entrevistada 7, afirmam ter cursado tal disciplina e destacam a importância dela para sua formação.

[...] eu senti falta de entender isso antes de chegar na disciplina [de epistemologia] sabe, tu tá anos escrevendo, fazendo ciência e não sabia se posicionar epistemologicamente, saber que você faz parte, né, dentro desse contexto, faz parte desse paradigma, enfim. Então assim, isso foi um boom de verdade dentro da minha cabeça assim [...] foi excelente, de conteúdo, de absorção, de expansão de consciência, é, mas por outro lado foi cansativa, foi uma disciplina pesada, justamente acho que, por a gente não estar acostumado com essa linguagem mais pesada, e leituras pesadas, livros antigos né, pra te entender o todo. [Entrevistada 7]

A inclusão das disciplinas de epistemologia e de métodos qualitativos, mesmo modesta, é vista por alguns entrevistados com otimismo e possível sinal de que a comunidade de prática existente está mudando seus valores e ampliando o entendimento/aceitação acerca de visões plurais de contabilidade. Uma das possíveis razões, segundo participantes, é o ingresso de uma nova geração com valores que divergem dos valores existentes.

Então, há ainda uma preconceção de como que deveria ser feito pesquisa. E eu acho que esse consenso acaba sendo quebrado com o tempo desde que a nova geração, quando entrar né, dentro dessa estrutura, não se alinhe a esse consenso [...] já temos alguns avanços, mas há caminhos também pra ser traçados, pra deixar esse campo mais aberto. Então numa formação você ter acesso a diferentes autores, formas de fazer pesquisa. Acho que nós, por mais que, às vezes, há alguns esforços isolados na nossa formação, deveríamos ter uma espécie de preparação pra avaliar trabalhos e pra estar aberto a aquilo que foge da nossa forma de fazer pesquisa. [Entrevistado 7]

O ingresso dessa nova geração e as mudanças propostas por ela pode representar uma disputa de poder com os membros que fazem parte da CoP existente. Observamos tentativas de “normalizar” acadêmicos que decidem romper com valores hegemônicos por meio de violências em bancas, pareceres de revistas e congressos, avaliações de disciplinas e até mesmo pelos colegas. Tal tentativa se materializa em fóruns que dificultam a continuidade de projetos, ou o adequado delineamento de objetos ainda novos na comunidade.

Então, no começo, no seminário, por exemplo, eu sempre tentei voltar pra essa questão da [TEMÁTICA DE PESQUISA] e tinha até um quantitativo às vezes, de propor alguma metodologia que pudesse mensurar ou quantificar monetariamente. Só que eu não consegui, assim, eu não tive forças é, teórica pra argumentar isso e fortalecer isso de uma forma que fala “não, o que eu tô falando tem mais chances de dar certo do que ele tá falando”. E... então assim, nos seminários, acabou que essa ideia, ela foi se desfazendo. [Entrevistado 6]

De maneira geral, observamos que a comunidade de prática existente é pautada por uma visão restrita de contabilidade que é reproduzida nos PPGs por meio de seus currículos e agentes sociais. Observamos ainda indícios de mudança que reforçam o possível desalinhamento entre os valores da CoP existente e dos novos entrantes, implicando na possível descontinuidade da comunidade existente devido à falta de adesão e participação. Por fim, a comunidade existente muitas vezes apresenta resistência aos novos entrantes devido ao delineamento existente nos PPGs e nos eventos científicos.

4.3. Formas de Participação: Alinhamento, Imaginação e Engajamento na CoP Contábil

No desenvolvimento de uma CoP é importante a coordenação entre os membros na construção de propósitos em comum. O alinhamento contribui para que os sujeitos se engajem coletivamente, compartilhando visões de mundo, perspectivas e referenciais sobre a contabilidade. Entre os entrevistados, ressalta-se a dificuldade de encontrar pessoas e/ou grupos alinhados epistemologicamente com o sujeito, seja para a discussão de ideias de pesquisas ou de avaliação das atividades em andamento como já apresentado anteriormente.

Assim, o desalinhamento com a comunidade (e pares) dificulta o compartilhamento de perspectivas e referenciais, refletindo na formação do pesquisador. O desalinhamento pode ter sido ampliado pelo distanciamento da comunidade em decorrência da pandemia (Gendron & Martel, 2021). O fato de os pares não estarem frequentando a universidade prejudicou a socialização, a discussão de projetos, pesquisas e atividades acadêmicas.

Não. Não. E de conversar, muito menos. Mas eu acho que essa questão da troca de ideias é em decorrência da pandemia mesmo. Talvez se eu tivesse no ambiente da universidade essas trocas... É que também depois de um ano e meio da pandemia você acha que a sua realidade é só dentro

de casa na frente do computador. Às vezes eu fico pensando “poxa, se eu tivesse indo pra universidade acho que eu teria trocado muito mais ideias” [...] [Entrevistada 4]

Apesar das experiências de desalinhamento, observamos que o alinhamento surge de três formas entre os entrevistados: (i) por meio das conferências que abarquem suas visões de mundo, (ii) dos grupos de pesquisa e (iii) dos sujeitos que compartilham perspectivas paradigmáticas semelhantes. Sobre as conferências, Entrevistada 5 sinaliza que mesmo com uma participação periférica na comunidade que se formou para pensar, articular e discutir diferentes epistemologias aplicadas à contabilidade, como é o caso do *Qualitative Research and Critical Accounting Conference* (QRCA), esse se constitui um espaço seguro para compartilhar seus projetos por meio do envio e discussão das suas pesquisas.

No Brasil a gente tem uma comunidade se formando, mas no meu processo né, que eu tô dizendo, de mestrado, é, eu tava num mundo à parte. No doutorado eu já tive um pouco de contato, mas ainda eu considero assim, que eu não estou inserida nessa comunidade, que é o QRCA né, que iniciou e eu tenho mandado alguns trabalhos. Mas eu não tenho contato com essas pessoas, não tenho feito artigos, não tenho discutido ideias, isso me deixa um pouco mais fora dessa discussão. [Entrevistada 5]

Já os grupos pesquisas são sinalizados por Entrevistado 7 como espaços em que os sujeitos podem desenvolver discussões e engajarem-se coletivamente. Os discentes usam esse espaço para debater projetos de pesquisas, apresentar as dissertações e teses, pensarem atividades de extensão universitária e estreitar laço com os professores.

Então assim é um laboratório que dá muita discussão e isso é bem legal porque os alunos se envolvem bastante, não somente os professores, então é... parece que a emoção, a nossa qualificação, a primeira é no laboratório, parece que a qualificação no laboratório é a que mais mexe assim, com o pessoal, até mais do que, às vezes, da banca porque cê tem os seus colegas ali em cima, os professores em cima perguntando, vai e vem, então isso é bem interessante, é bem legal mesmo. [...] É, só que, acaba sendo bastante direcionado também pelo que os líderes pesquisam, né. [...] Eles têm a linha de pesquisa, têm o projeto para prestar conta no CNPq, então parece que já tem uma estrutura que te guia pra pesquisar por determinado caminho. [Entrevistado 7]

Cabe ressaltar a influência dos professores ao direcionarem os ingressantes nos tópicos de pesquisas que desenvolvem. Essa pode ser uma possibilidade de os sujeitos se engajarem em assuntos nos quais se identificam e vislumbrarem projetos a serem desenvolvidos coletivamente. No entanto, pode levar os membros que estão interessados em outras perspectivas a um comportamento esquizofrênico/contraditório.

Assim, na contramão da experiência anterior, há relatos de participação em grupos pouco engajados. Os encontros acontecem com pouca frequência ou estão inativos em decorrência da pandemia. Apesar da sua importância para viabilizar o alinhamento e o engajamento dos discentes junto aos pares, esses grupos parecem pouco efetivos para a construção da identidade acadêmica.

O grupo que eu participo no momento está inativo, porém eu participo. É o grupo do meu orientador “galera, meus orientados, é um grupo de pesquisa pra a gente discutir”. Sinceramente, nesse tempo assim, foram poucas reuniões que a gente teve de grupo de pesquisa, nunca funcionou direito. [...] Mas, eu também participo de outros grupos de pesquisa, que foi um com a [NOME] lá né, que foi uma ideia que a gente começou e ainda não terminou também. É... tem o grupo com o [NOME] também, que é uma área mais gerencial, que ele é da [IES], é... também tá inativo nesse período de pandemia, tá tudo inativo né, quase tudo. Mas, esses foram por opção assim, eu queria participar, eu queria aprender, eu queria vê o que eu podia aprender dentro dessas novas formas de discutir ou de ver, outros temas de pesquisa também, além dos meus. [Entrevistada 7]

Em complemento à experiência de Entrevistada 7, ressalta-se também a pouca circulação dos sujeitos em congressos, conferências e encontros. Eventos são espaços de

engajamento e interação capazes de consolidar comunidades científicas e passar os valores da comunidade existentes para os novos entrantes (Gendron & Martel, 2021). Contudo, notamos que entre os participantes esses eventos são pouco frequentados, sejam por distâncias geográficas ou pela restrição de abordagens de pesquisa.

No doutorado eu não participei muito de congresso e eu só fui pra o da USP. O último que eu participei foi ano passado, online, e o penúltimo foi presencial em São Paulo, em 2018 [...]. [Entrevistado 1]

Atualmente eu não sei se tô participando né, até atualmente eu não estou participando de nenhum congresso, apesar que tem alguns aí com participação online, mas não abrange todas as perspectivas né? [Entrevistado 6]

Apesar da baixa participação, alguns relatos apontam que os participantes se engajam em múltiplos papéis nos congressos, sendo a participação majoritariamente relacionada à organização: avaliação de artigos, organização do espaço físico e das atividades. Portanto, o trabalho nos bastidores não implica em maior contato ou socialização com demais pesquisadores, dificultando a construção de redes devido à baixa exposição.

É... no mestrado, os novatos do programa, nós é... organizamos o congresso lá da universidade. E é... eu participei do congresso da USP, durante o mestrado também. Agora os ingressos do doutorado, eles ajudam na avaliação dos artigos. [...] E como congressista eu só participei do congresso da USP em 2018, eu acho. [Entrevistado 1]

Por último, existe a possibilidade de desenvolver alinhamento com sujeitos que compartilham perspectivas epistemológicas semelhantes por meio de bancas de avaliação. Entrevistada 5 ressalta a importância de ter um professor alinhado com a sua perspectiva de pesquisa na qualificação da sua tese, destacando a importância desse alinhamento para o seu desenvolvimento enquanto pesquisadora.

O terceiro membro [da banca de qualificação de tese] sim tem essa abordagem crítica, tem um posicionamento, mesmo dentro da abordagem crítica, bem definido, que tipo de perspectiva teórica e tal, um pesquisador mais experiente né. [...] Assim, a primeira, não sei se única, mas uma das mais profundas discussões sobre a construção do trabalho. [...] Você percebeu que cê tá olhando pro nível organizacional, mas Butler ela fala num nível totalmente subjetivo, do indivíduo”, aí eu falei “nossa, nunca tinha percebido isso”, porque eu nunca tinha discutido com ninguém, como é que eu poderia ler e perceber, mas nem sempre você lendo uma primeira análise você percebe né, todas essas peculiaridades de quem já estuda o autor há um tempo [Entrevistada 5]

Portanto, a importância do alinhamento epistemológico está na introdução de uma perspectiva na qual se veja projetado e no compartilhamento de compreensão e análise da realidade que façam sentido à sua construção enquanto pesquisador. Esses alinhamentos acabam por formar laços mais duradouros e significativos para os sujeitos. Na presente pesquisa, denominamos tais sujeitos como “sujeitos de suporte”, pois além de viabilizarem uma trajetória científica no qual o discente se veja incluído, eles auxiliam também no acesso a outros membros da comunidade, viabilizando o engajamento.

Então... eu comecei, eu comecei muito empolgado nesse projeto, acho que a [NOME], também, ela é maravilhosa, ela empolga a gente sempre né, com qualquer tema. E eu comecei sim a interagir com os pesquisadores, é... inclusive a [NOME], não sei se você conhece, que é uma referência nesse tema. Eu comecei a conversar com ela tudo, a ler muito trabalho dela e das parcerias que ela fazia, é, só que eu tive uma resistência do orientador, a verdade é essa. [...] Ele falou “não, eu não quero” [...]. Então no começo, quando eu tava no projeto da extinção eu tive essa resistência dele que pesou bastante, então esse foi o maior, minha maior barreira, digamos assim. Não que eu não tenha feito contato com outras pessoas do tema, entendeu? [Entrevistado 6]



O relato revela que, apesar do alinhamento inicial com membros da comunidade na qual ele se vê parte, há a resistência do orientador forçando a modificação para uma pesquisa que fizesse sentido (epistêmico e teórico) para este. O entrevistado sinaliza que o (des)alinhamento gerou perda de sentido e frustração por estar desenvolvendo uma pesquisa distinta daquela que estaria de fato motivado em realizar com a comunidade que ele vinha se alinhando. O desalinhamento forçado faz com que o entrevistado não se enxergue no seu projeto.

Hoje eu tenho uma visão assim: eu tenho que me adequar ao jogo. O jogo é: tem uma pessoa que tem, existe uma hierarquia. existe sim, não adianta a gente falar que não, mas existe, que tem mais experiência, tem trinta anos de experiência. Então acaba que a ideia de uma pessoa de trinta anos de experiência prevalece sobre a minha que tem um ano, dois anos, né. Então isso acontece, me afeta na minha própria fala, que você já até percebeu, é um pouco frustrado, entendeu? [...] Não sou eu. Eu estou fazendo a tese porque eu tenho que fazer. [...] Isso me atinge de uma forma que eu começo a questionar eu mesmo, que eu falo assim “olha, quê que eu fiz de errado?”, né. [...] Acho a teoria fantástica, muito forte, mas não sou eu, não sou eu. Não era eu. [...] Mas quando cê para pra pensar, fala “ah, mas eu tô fazendo isso porque mesmo?”, aí cê se volta “ah, é pra tirar o título” e isso me afeta. [Entrevistado 6]

A importância do alinhamento de expectativas entre o orientador e o orientando emerge novamente, junto ao papel dos congressos para o engajamento do sujeito na comunidade. Os relatos da pesquisa revelam por exemplo que uma entrevistada tomou conhecimento das discussões paradigmáticas em um evento e a posição receptiva do orientador foi importante para que o projeto tomasse forma e fosse desenvolvido. Enquanto o congresso viabilizou engajamento e imaginação, o orientador foi importante para o alinhamento de ideias.

Dentre as experiências compartilhadas pelos participantes em relação à comunidade existente foi notável o sentimento de solidão e isolamento devido àquilo que se denomina delineamento restritivo acerca do que é a contabilidade (Cintra, Haslam & Sauerbronn, 2022). Tal entendimento pauta as normas sociais nos eventos científicos e influencia a integração, interesse e conhecimento desses novos ingressantes acerca da/na comunidade existente.

As experiências dos entrevistados em eventos científicos mostram que também ocorre marginalização de temáticas “alternativas” e emergentes, levando à buscarem eventos de áreas correlatas ou fora da comunidade existente. O processo de marginalização se inicia na escassez de avaliadores e na carência de embasamento paradigmático diverso, podendo resultar até mesmo em violências epistêmica contra a pesquisa e o pesquisador (Nganga, 2019).

É... eu creio que tenha um foco maior, até porque a maioria dos pesquisadores, das pessoas que tão avaliando têm a mesma perspectiva, mas só muda, digamos, contabilidade financeira, controladoria, auditoria. Assim, a temática de pesquisa muda, mas a abordagem eu acho que é a mesma. E aí por conta dessa falta de diversificação, é... tem alguns, acho que alguns congressos, a maioria dos congressos eles não são tão abertos assim a outros tipos de trabalho. [Entrevistado 1]

Relatos apontam uma lógica segregacionista que ocorre nos eventos científicos em que os trabalhos de paradigmas “alternativos” são agrupados, independentemente da temática, criando uma dinâmica centro-periferia-gueto. Ainda de acordo com a entrevistada, usualmente, as sessões de temáticas marginalizadas atraem menos discussão e engajamento dentro da comunidade existente, obrigando que os pesquisadores selecionem os eventos científicos.

Eu comecei a sentir um pouco mais de resistência quando fui pras conferências. Aí as coisas começaram a mudar, porque aí você percebe que existem poucos trabalhos com as características similares. Aí eles colocam numa sessão, o seu trabalho com outro não tem nada a ver, é, sempre me acontecia isso, agora tem melhorado. Não sei se é a comunidade que tá melhorando ou se eu que tô escolhendo melhor os congressos, não sei. [...] Mas eu acho que isso porque eles olhavam “esse trabalho não tem nada a ver”, “ah esse aqui também não tem nada a ver com o congresso”, “então põe todo mundo junto”. E aí ficava a sala com os três e ninguém ia assistir né, óbvio. [Entrevistada 5]

Complementarmente à reflexão de selecionar melhor os congressos, outro relato destaca alguns eventos que tem participado e que abraçam visões diversas sobre a Contabilidade. É notável que os congressos que apresentem maior abertura para outras abordagens paradigmáticas da pesquisa contábil são organizados pela comunidade internacional. Dessa maneira, esse delineamento restrito que permeia os valores da comunidade existente impõe a um grupo de acadêmicos o ônus de buscar internacionalmente uma comunidade, os relegando a um papel de estrangeiros e dissidentes dentro da comunidade contábil brasileira.

Então, em relação à congresso. É... o congresso, eu participei algumas vezes do congresso USP, [...] então, a financeira é muito forte, então não me interessa muito porque geralmente não tem muito trabalho crítico, então não me interessa. Mas eu participo do QRCA [...]. Tem o CPA, que eu gosto também, tem o ICMS, que tem uma linha pra pesquisas críticas em contabilidade, tem o EnANPAD, que é muito bom e hoje a gente tem um avanço, é... o coletivo que eu participo teve hoje os seus, entre os seus produtos, vamos dizer assim, essa área temática da diversidade que a gente tá abrindo caminhos pra abordagens diferentes dentro do congresso e que com certeza vão trazer trabalhos interessantes. [Entrevistado 2]

Por outro lado, novos acadêmicos que tenham interesses alinhados com os da comunidade existentes demonstram experiências positivas em suas participações nos diversos eventos científicos da área, como é o caso de Entrevistada 9 que ao participar de determinado evento conheceu as principais pesquisadoras de seu tema e pode estabelecer uma rede de contatos.

[...] eu fui pra um congresso em [ESTADO] de contabilidade [TEMA] e foi muito bom, eu gostei muito [...] eu conhecia as pesquisadoras da área, são mulheres, a maioria, é... conversei com elas, achei muito bacana. Mas assim, não estou envolvida com ninguém, entende? Conversei lá, fiz, assim, networking, né, tentei fazer, na verdade. Mas, nesse momento eu me vejo um pouco sozinha, aqui no cento não tem ninguém que esteja envolvido com isso. [Entrevistada 9]

Observamos que o (des)alinhamento entre os valores individuais e os valores da comunidade existentes moldam as experiências na busca de suas identidades acadêmicas. De maneira geral, as abordagens tidas como “alternativas” ainda se encontram marginalizadas no Brasil e dependem dos poucos professores que incentivam a diversidade teórica e temática.

4.4. Interações com a CoP: Identificação e Negociabilidade

Sobre a identificação, os participantes sinalizam a importância das discussões ontológicas e epistemológicas para que os discentes se posicionem no mundo de maneira consciente, desenvolvendo um investimento pessoal com a CoP. Essa experiência é compartilhada por Entrevistada 4, que sinaliza uma identificação pessoal com a perspectiva pragmática, apesar da inexperience na utilização da abordagem.

Quando eu estudei epistemologia, tinha, eu lembro de um gráfico que tinha que era exatamente dessas classificações epistemológicas, né? [...] Me chamou muito atenção um tipo de, de método que era o método pragmático. Que é o método de você, tava muito relacionado um pouco à pesquisa ação de você produzir aquele conhecimento e aplicar. Eu me identifiquei muito com ele. Não é o que eu uso hoje na tese, né, ainda não tive experiência de fazer pesquisa com esse método. Mas quando eu vi aquilo eu vi uma identificação muito pessoal mesmo, né? Tipo, meu perfil, Entrevistada 4, como pessoa, é de ser aquela pessoa que faz, que toma ação, que quer ver a mudança acontecendo. [Entrevistada 4]

Como mostrado anteriormente, os grupos de pesquisa também são atores importantes para essa identificação. Ressalta-se que por meio de encontros regulares os participantes da CoP podem desenvolver os elementos de pertencimento, articulando formas de alinhamento, engajamento e imaginação. Ao se encontrarem, os participantes centrais introduzem os participantes periféricos legítimos, desenvolvendo a própria comunidade.



Para além das possibilidades de identificação observadas, é premente ressaltarmos a ausência de mais elementos que a caracterizem. Nesse sentido, as ausências nos dados também se mostram relevantes para compreendermos a forma como os sujeitos constroem a identidade junto à CoP, pois, para além de participar, é necessário atribuir a esses sujeitos ferramentas que favoreçam uma participação efetiva. Essas são nuances que precisam ser questionadas.

O processo de negociação, ou a sua ausência, perpassa especialmente pela relação dos doutorandos com os orientadores. Os entrevistados sinalizam a abertura que possuem junto aos tutores na proposição de ideias e tópicos de pesquisas, indicando capacidade de negociação.

Não, não. É... meu orientador ele deixava muito livre, até demais assim é... é “faça o que você quiser e a gente conversa”. [Entrevistado 1]

Sim. Sim. Ela é uma pessoa super aberta, super disposta, ajuda, é, tudo o que eu preciso. [Entrevistada 9]

Acredito que sim, acredito que sim. Nunca me foi negado. Mesmo que ela também seja uma pesquisadora crítica, qualitativa. [Entrevistado 2]

A importância da negociabilidade pode ser observada desde o ingresso no doutorado até o amadurecimento durante o curso. Entrevistada 9 sinaliza a importância de ter uma orientadora que respeite as suas escolhas e valorize aquilo que a entrevistada realmente tem interesse de pesquisar. Essa era uma demanda da entrevistada ao demonstrar que precisou desenvolver atividades que não se identificavam em sua experiência prévia.

Eu conversei pessoalmente com a minha orientadora, eu falei “olha, eu gosto disso, você aceitaria me orientar?”, ela leu o projeto e falou “aceitaria sim, tá”. Então eu fiquei muito feliz, eu falei pra ela “olha, eu sou uma pessoa super flexível, e esse é o conhecimento que eu gostaria de desenvolver”, mas ao longo de um doutorado de quatro anos, quanta água pode rolar? [...] Ela falou “não, você vai fazer o que você quiser”, eu falei “você teria alguma coisa pra sugerir pra eu dar uma lida? Pra ver se eu me interessar”, ela falou “não, eu quero que você desenvolva o que você quer desenvolver”. Então assim, eu considero que a minha orientadora caiu do céu, porque você não tem que se adequar a alguma coisa fixa, é algo realmente surpreendente dentro da nossa experiência prévia, né? De que a gente precisaria se adequar e seguir alguma coisa que você não se identifica, isso realmente é muito complicado. [Entrevistada 9]

Além do ingresso e do contato inicial junto aos pares na pós-graduação, a negociação também perpassa a relação entre orientador e orientando na escolha e no amadurecimento dos trabalhos. Entrevistada 5 sinaliza que identificou um tópico da sua atenção e teve o apoio do orientador na execução da dissertação. Além de negociar seus interesses, a entrevistada sinaliza que o orientador forneceu os instrumentos necessários para o seu desenvolvimento.

E aí, eu voltando, eu falei com o meu orientador “olha, eu queria colocar isso de paradigma também, ainda não sei muito bem o que é, mas parece interessante”. E aí ele achou uma boa ideia, tanto que no mestrado eu acabei usando uma parte da análise, como instrumento de análise a adaptação da tese do meu orientador. [Entrevistada 5]

Experiência semelhante é compartilhada por Entrevistada 7. Mas, dessa vez, a autonomia e responsabilidade pela execução da pesquisa são totalmente atribuídas à entrevistada.

Ele [orientador] gosta de novas perspectivas, mas ele não aplica. Então assim, se eu chegar assim “professor, eu quero fazer uma parte qualitativa no meu trabalho”, é, ele ia achar ótimo contanto que eu tivesse um tempo pra fazer isso né, contanto que eu tivesse a habilidade, ele ia, se ele achasse que eu tinha condição de fazer, ele ia deixar eu fazer, né. Ia achar ótimo assim, porque ia dar mais profundidade pra discussão do trabalho, que é o que a gente precisa na academia. [Entrevistada 7]

Adicionalmente, há barreiras à negociação, sobretudo na pressão para adequação às linhas de pesquisas desenvolvidas pelos seus orientadores, além da dificuldade em abordar perspectivas metodológicas além das praticadas pelos membros do programa. A restrição do

método foi um impeditivo da negociabilidade na trajetória de Entrevistada 4, que precisou mudar de orientação. A entrevistada sinaliza que a discente tinha a possibilidade de escolher temas de seu interesse para o desenvolvimento da tese, desde estes estejam adequados aos métodos selecionados pelo orientador.

[...] A restrição do antigo foi muito direta em relação ao método, né, porque é o normal dele no método, por isso que veio meio que dessa, assim, eu lembro que uma das orientações ele chegou assim “olha, em relação ao tema eu não vou te restringir em nada, mas o que eu conheço é só esses tipos de método, então eu queria que você buscasse um tema do seu interesse que fosse aplicado a esse método” [Entrevistada 4]

Mesmo podendo escolher o tema de seu interesse, a entrevistada sinaliza os impactos negativos que a necessidade de adequação ao método gerou ao longo do doutorado. Isso porque não existia a capacidade de negociação, visto que a demanda pelo atendimento dos métodos prejudicou suas escolhas ao longo desse processo.

O ponto é que pra mim aquilo era o início de um pensamento de uma pesquisa que eu, vamo dizer assim, tudo o que eu pesquisava, eu “eita, mas o método não vai se encaixar”, então eu fui realmente, aquilo realmente foi me travando, acabei me sentindo limitada porquê de alguma forma quando você restringe o método muitas vezes você restringe o objeto de pesquisa, não tem como você não pensar nisso, entendeu? [Entrevistada 4]

Interessante como a inegociabilidade no método revela-se como um pilar que sustenta a resistência à mudança epistêmica na comunidade existente. Ou seja, limitações em formações pgressas (de atuais orientadores) em PPGs currículos e disciplinas tradicionais, perpetua as práticas epistêmicas, constituindo-se como uma barreira que carrega valores justificáveis frente à lógica de valorização do conhecimento científico. É como se o argumento do “cientificismo” se sobrepusesse aos fenômenos relevantes para novos integrantes da sociedade e processos de socialização prévios à entrada no mundo acadêmico.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve o objetivo de compreender as experiências de doutorandos a partir das relações que estes estabelecem com a comunidade científica contábil brasileira. Para tal conduzimos entrevistas semiestruturadas com 11 estudantes de doutorado em diferentes programas e regiões do país. A partir de uma abordagem qualitativa-crítica, as análises foram realizadas com o suporte dos Sistemas Sociais de Aprendizagem, de Étienne Wenger, focando na relação entre os estudantes de doutorado e as Comunidades de Prática (CoPs).

Os resultados indicam que os doutorandos, enquanto participantes periféricos legítimos, não se tornam membros centrais pelos limites impostos pela comunidade. Tais limites constitutivos do processo social de aprendizagem funcionam como um impedimento da relação entre o indivíduo e a própria CoP. Diversos relatos revelam como uma incomensuralidade paradigmática, em termos epistêmicos e metodológicos, se materializa em episódios ocorridos dentro dos programas de pós-graduação, em disciplinas, seminários e processos de orientação.

Diversos episódios relatados revelam a naturalização e a reificação de uma performance normatizada do que viria a ser o “bom acadêmico contábil”. Os limites da comunidade são testados e experimentados nesses episódios, que são simultaneamente individuais e coletivos. Algumas situações revelam negociações identitárias dos indivíduos consigo mesmo, com seus pares e com “superiores”. A noção hierárquica do campo se revela em dinâmicas em que professores mais experientes e orientadores se revelam como aliados ou barreiras às movimentações dos indivíduos do centro à periferia.

Dentre diversos aspectos, os participantes indicam a existência da perda de sentido em sua trajetória, em episódios de violência epistêmica, que (re)produzem os limites da comunidade. Os indivíduos se perdem frente às barreiras elevadas dentro da comunidade e,

simultaneamente, acabam recuperando sentido na reflexão individual em suas finalidades e sentidos pessoais buscados na relação indivíduo-mundo (inclusão produtiva, progressão de classe social, transformação social, luta contra desigualdades e etc).

Da mesma forma, contribuem nesse sentido, as situações de construções de laços comunitários por meio de coletivos ou momentos de aproximações mais significativas um-a-um, revelando-se como pontos de geração de segurança do ser e do saber no mundo. Entretanto, confirmando a teorização de Wenger (2000, p. 233), os limites podem criar divisões e ser uma fonte de separação, fragmentação, desconexão e mal-entendidos. No entanto, eles também podem ser áreas de aprendizado incomum, lugares onde as perspectivas se encontram e novas possibilidades surgem. Insights radicalmente novos muitas vezes surgem nas fronteiras entre as comunidades.

Assim, as discussões apontam o desalinhamento entre os valores da comunidade existente e novos entrantes, colocando em xeque a sustentabilidade da comunidade acadêmica contábil no Brasil. Simultaneamente, o estudo revela que “novos ventos” se apresentam no campo com potencial de significar, no futuro, reduções dessas barreiras e limites de forma a gerar transformações quando esses profissionais, até então periféricos, começarem a assumir nossas funções atribuições na comunidade de prática, influenciando novas aprendizagens.

REFERÊNCIAS

- Chua, W. F. (1986). Radical developments in accounting thought. *The Accounting Review*, 61(4), 601-632.
- Cintra, Y. C., Haslam, J., & Sauerbronn, F. F. (2022). Developing Appreciation of Emancipatory Accounting through Empirical Research: Issues of Method. *Revista de Administração Contemporânea*, e210009-e210009.
- Courpasson, D. (2013). On the erosion of 'Passionate Scholarship'. *Organization Studies*, 39(9), 1243-1249. <https://doi.org/10.1177%2F0170840613502292>
- Cruess, R. L., Cruess, S. R., Boudreau, J. D., Snell, L., & Steinert, Y. (2015). A schematic representation of the professional identity formation and socialization of medical students and residents: a guide for medical educators. *Academic Medicine*, 90(6), 718-725.
- Fogarty, T. J., & Jonas, G. A. (2010). The hand that rocks the cradle: Disciplinary socialization at the American Accounting Association's Doctoral Consortium. *Critical Perspectives on Accounting*, 21(4), 303-317.
- Fox, K. A. (2018). The manufacture of the academic accountant. *Critical Perspectives on Accounting*, 57, 1-20.
- Gardner, S. K. (2008). Fitting the mold of graduate school: A qualitative study of socialization in doctoral education. *Innovative higher education*, 33(2), 125-138.
- Gendron, Y., & Martel, J. (2020). On the fragility of cultural markers within scholarly communities: physical distancing and the blurring of group referents. *Revista Contabilidade & Finanças*, 32, 07-12.
- Gendron, Y., & Rodriches, M. (2021). On the centrality of peripheral research and the dangers of tight boundary gatekeeping. *Critical Perspectives on Accounting*, 76, 1-17. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2019.02.003>
- Homero Junior, P. F. (2017). A constituição do campo científico e a baixa diversidade da pesquisa contábil brasileira. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade (REPeC)*, 11(3).
- Homero Junior, P. F. (2021). Reflections on critical research in the Brazilian accounting field: an autobiographic note. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade*, 15(2). <https://doi.org/10.4135/9781446280119.n2>

- Hughes, E. (1955). The making of a physician—General statement of ideas and problems. *Human organization*, 14(4), 21-25.
- King, N. (2004). Using interviews in qualitative research. In: Cassel, C. & Symon, G. *Essential guide to qualitative methods in organizational research*. Londres: Sage Publications. 11-22.
- Lave, J., & Wenger, E. (1991). *Situated learning: legitimate peripheral participation*. Cambridge University Press: New York.
- Lima, J. P. R. (2022). *Be(com)ing a gay accounting academic: discussing the heteronormative violence in the Brazilian society and neoliberal academia*. Tese de Doutorado, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Martins, E. A. (2012). *Pesquisa contábil brasileira: uma análise filosófica*. Tese de Doutorado, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo. doi:10.11606/T.12.2012.tde-14022013-171839.
- Nganga, C. S. N. (2019). *Abrindo caminhos: a construção das identidades docentes de mulheres pelas trilhas, pontes e muros da pós-graduação em Contabilidade*. Tese de Doutorado, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo. doi:10.11606/T.12.2019.tde-14082019-155635.
- Nganga, C. S. N.; Casa Nova, S.P. C. & e Lima, J. P. R. (2022). (Re)Formação docente em contabilidade: uma reflexão sobre os programas de doutorado no Brasil. *Revista de Contabilidade & Organizações*.
- Panozzo, F. (1997). The making of the good academic accountant. *Accounting, Organizations and Society*, 22(5), 447-480.
- Qu, S., & Dumay, J. (2011). The qualitative research interview. *Qualitative Research in Accounting & Management*, 8(3), 238-264. <https://doi.org/10.1108/11766091111162070>
- Raineri, N. (2015). Business doctoral education as a liminal period of transition: Comparing theory and practice. *Critical Perspectives on Accounting*, 26, 99-107.
- Wenger, E. (2000). Communities of practice and social learning systems. *Organization*, 7(2), 225-246. <https://doi.org/10.1177%2F135050840072002>
- Wenger, E. (2007). *Communities of practice: learning, meaning, and identity*. Cambridge: University Press.
- Wenger, E. (2010). Communities of practice and social learning systems: the career of a concept. In: Blackmore, C. (Org). *Social Learning System and Communities of Practice*. Springer, London. https://doi.org/10.1007/978-1-84996-133-2_11
- Wenger, E. (2011). *Communities of practice: a brief introduction*. Retrieved from <http://hdl.handle.net/1794/11736> in august, 08, 2022.
- Wenger, E., (1998), *Communities of practice: learning as a social system*. Retrieved from https://participativelearning.org/pluginfile.php/636/mod_resource/content/3/Learningasocialsystem.pdf in august, 08, 2022.